

Conclusão

Caroline Kraus Luvizotto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUVIZOTTO, CK. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

CONCLUSÃO

A modernidade tardia ou reflexiva é um processo de mudanças ininterruptas que afetam as bases da sociedade ocidental. Diante de uma realidade em constante alteração faz-se necessário escolher entre uma certeza do passado e uma nova realidade, em constante mutação. O caráter reflexivo da modernidade está nesse processo de escolha entre as certezas herdadas do passado e as novas formas sociais que conduz à reflexão ou mesmo à reformulação das práticas sociais, provocando a racionalização e a (re)invenção de diversos aspectos da vida em sociedade.

A tradição passa por esse processo de racionalização. Isso significa dizer que os conceitos e categorias relacionados à tradição são produzidos pelos atores sociais com o objetivo de atender as expectativas de suas próprias ações e a necessidade de relações significativas em suas vidas. No caso específico das tradições gaúchas, a racionalização das tradições pode ser observada na maneira como os CTG utilizam a tradição, (re)inventando-a, como mecanismo de defesa diante de outras culturas no Brasil e no mundo.

Ao longo dos capítulos, tentou-se demonstrar que o CTG é um espaço de sociabilidade que permite que se compreendam as tradições como manifestação daquilo que os *tradicionalistas* entendem como *tradição e cultura gaúchas*, aspectos que, segundo eles, são os

mais representativos de uma cultura e, portanto, devem ser destacados como tradição. As relações inerentes ao convívio no CTG e a maneira como as tradições gaúchas são manipuladas nas mais variadas instâncias desse convívio permitem que se possam compreender características do processo de modernidade tardia presente no Brasil a partir do entendimento da racionalização dessas tradições e da reflexividade presente nessas relações.

Como observado, os símbolos que são cultuados e as práticas realizadas no exercício do tradicionalismo gaúcho foram inventados na década de 1940 e são tidos como pertencentes a um passado distante que remete a tempos gloriosos da história dos homens do Rio Grande do Sul. Essa invenção pode ter sido uma tentativa de reação às transformações da sociedade e à influência de outras culturas que penetraram na sociedade sul-rio-grandense. A cultura gaúcha divulgada e reproduzida nos CTG seria, assim, uma interpretação racionalizada – sobre uma cultura dita como original – com propósito de autopreservação.

Não se questionou neste livro se os valores apresentados são os *verdadeiros* no que se refere a uma cultura gaúcha *original*, mas qual a relação que os gaúchos tradicionalistas têm com esses valores apresentados como tradição gaúcha para poder compreender essa tradição racionalizada no contexto da modernidade tardia. O que se tem aqui é que a (re)invenção das tradições gaúchas, possível nesse cenário de modernidade tardia, é um elemento importante na construção da memória coletiva, e as práticas tradicionalistas de repetição dos costumes do *passado* estabelecem um sentimento de identidade social em todos aqueles que se organizam em torno dos CTG.

A representação criada pelos primeiros tradicionalistas de um CTG como espaço campeiro, a busca da reprodução das características do campo, a união dos membros em torno de um fogo de chão para se confraternizar, tomar chimarrão, contar causos, por exemplo, teria por objetivo proporcionar a construção de uma sociabilidade e um sentido de coletividade entre os mesmos, algo que

pudesse diferenciá-los dos demais e que fosse elemento de defesa diante dos *outros*.

Compreende-se, entretanto, que os CTG não representam fielmente a forma como os gaúchos viviam no passado. Na verdade, o CTG é o resultado de uma seleção material e simbólica que não tem o objetivo de resgatar o passado, mas organizar a produção de *uma memória* sobre os gaúchos a partir de um conjunto de símbolos e mitos que podem servir como referência para o futuro, preservando uma determinada conceituação de cultura gaúcha e defendendo-a das demais culturas.

No contexto da modernização reflexiva, as tradições são racionalizadas e (re)inventadas e os símbolos, as suposições, as práticas, os preconceitos, as normas, as crenças e padrões de comportamento são (ditos) trazidos do passado, e atuam como materiais simbólicos necessários para a autoformação da identidade individual e coletiva. A tradição molda o sentido que cada indivíduo tem de si e de pertencer a um grupo social. Evidentemente, à medida que os indivíduos ingressam nos CTG e conhecem os espaços construídos pela coletividade e pelas interações sociais vivenciadas por seus membros, passam a habituar-se a seus códigos e a sua sociabilidade.

A (re)invenção das tradições é outro indício do processo de racionalização das tradições na modernidade tardia. É possível criar, inventar, reinventar tradições e conferir-lhes a aparência de repetição. Sendo assim, símbolos, mitos de origem, percursos históricos, identidades, entre muitos outros elementos, podem ser criados e recordados, interpretados em permanência, atribuindo um caráter de continuidade, segurança e estabilidade à tradição. O CTG é o lugar criado e organizado para preservar e transmitir o que foi selecionado como *tradições gaúchas*. O convívio no CTG requer que modos de agir e pensar sejam normatizados pelo conjunto de regras e valores que estabelecem o que é *correto* como conduta social e comportamento dos tradicionalistas. Criou-se, nesse ambiente, uma identidade entre todos aqueles que se afirmam gaúchos tradicionalistas.

As tradições (re)inventadas baseiam-se na referência a um passado histórico e caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade *artificial*, na medida em que são reações a situações novas impostas à sociedade. Assumem a forma de referência a situações anteriores por meio da repetição quase obrigatória de práticas, símbolos, crenças, entre outros elementos. Podem-se estabelecer três etapas do processo de invenção das tradições gaúchas: a revolta contra culturas diferentes que adentravam a sociedade porto-alegrense na década de 1940; a elaboração de novas tradições como mecanismo de defesa contra essas *outras* culturas; a adoção dessas tradições pelas demais regiões do Rio Grande do Sul por meio de sua divulgação nos CTG com posterior disseminação pelo Brasil e pelo mundo.

O Movimento Tradicionalista inventou estratégias de preservação e defesa da cultura gaúcha verificadas, por exemplo, no aspecto *lúdico* que as tradições gaúchas assumem nos CTG e nos Enart, e também no uso da Internet para transmitir, disseminar e preservar essas tradições, o que indica o processo de racionalização das tradições.

Na modernidade tardia, o *lúdico* é uma maneira de vivenciar a tradição mantendo seu caráter de integridade, fortalecendo as práticas e símbolos da cultura gaúcha, criando uma condição de receptividade, e age como um mecanismo de afirmação defensiva da cultura gaúcha diante das demais culturas, na medida em que atrai participantes para as mais diversas atividades e oferece a esses participantes um ambiente onde a tradição é vivenciada de forma harmônica e espontânea, sem a pretensão de regramento das condutas sociais daqueles que a vivenciam no CTG. É um processo de racionalização da tradição gaúcha que permite que os laços que unem pessoas ao Movimento Tradicionalista sejam reforçados levando essas pessoas a se identificar como tradicionalistas. Isso assegura o sucesso do Movimento Tradicionalista gaúcho.

É possível compreender que, quando a tradição é transmitida, disseminada e preservada na Internet, ela passa a estar ao alcance

de todo e qualquer indivíduo, independente da sua cultura ou vinculação étnica. Esse é um processo de racionalização e permite que qualquer um entre em contato com a tradição gaúcha e não há controle de quem vai acessar o conteúdo tradicionalista. Com o desenvolvimento das ferramentas da Web 2.0, o indivíduo não é apenas um leitor, ele é um construtor do conhecimento. Nesse sentido, a tradição é constantemente (re)inventada e é experimentada de novas maneiras, não se podendo excluir ninguém desse processo. Todos os que compartilham essas informações na Internet são sujeitos ativos do processo de racionalização das tradições. A (re)invenção das tradições e a sua transmissão na Internet são exemplos e sinalizam que vivenciamos no Brasil um contexto de modernidade tardia. Essa afirmação é possível a partir da compreensão daquilo que Giddens considera como característica da modernidade tardia, seu dinamismo, que tem como uma de suas fontes dominantes a separação entre tempo e espaço e o desenvolvimento de mecanismos de desençaixe, como os sistemas peritos.

A separação entre tempo e espaço pode ser observada na constituição de comunidades virtuais compostas por integrantes que não convivem fisicamente num mesmo espaço, possível com a Internet. Por causa da velocidade em que ocorre a comunicação e as várias formas em que ela pode ocorrer, para se sentirem juntas e vinculadas a um determinado grupo cultural basta que as pessoas consigam compartilhar o tempo, não precisando mais se encontrar simultaneamente num mesmo espaço físico. A separação entre tempo e espaço não interfere na vinculação identitária.

Os mecanismos de desençaixe da modernidade tardia deslocam as relações sociais de seus contextos originais de interação e reestruturam essas relações em outras situações, que independem do tempo e do espaço. Todo grupo tem como elemento fundamental o sentimento de pertencimento. Esse mecanismo de desençaixe da localização geográfica e temporal permite que os sujeitos vivenciem experiências em grupo, se identificando e pertencendo ao grupo, independente de estarem vivendo ou não próximos uns dos

outros. Isso não significa que as relações de proximidade sejam substituídas pelas relações à distância. O que ocorre em verdade é que os sujeitos passam a vivenciar os dois tipos de relação.

No que concerne ao tradicionalismo gaúcho, pode-se encarar o Second Life como um sistema perito, um mecanismo de desencaixe que desloca as relações sociais do seu contexto originário (mundo físico) e permite que elas sejam vivenciadas noutro contexto (mundo virtual no Second Life). Como observado no CTG Virtual Estância Celeste Brasil, esse ambiente virtual caracteriza-se como um cenário que representa um CTG real, permite que as pessoas vivenciem virtualmente relações interpessoais e atividades praticadas num CTG. Nesse ambiente virtual, a tradição gaúcha pode ser cultuada por todos os avatares (representação virtual do indivíduo) que se identificam com a cultura gaúcha e visitam a ilha do CTG virtual.

Configura-se, assim, a racionalização das tradições no contexto da modernidade tardia. A partir do exemplo da tradição gaúcha e de suas expressões criadas e (re)inventadas pelo Movimento Tradicionalista, vivenciadas principalmente nos CTG, procurou-se discurrir sobre elementos que pudessem permitir a compreensão das partes integrantes do processo de racionalização e reflexividade inerentes da modernidade tardia em curso na sociedade brasileira.